

## Somos todos mulheres

Que o regime dos *mullahs* está em crise não parece haver dúvida, mas não se vê ainda uma alternativa democrática credível que o possa substituir.

**Nuno Severiano Teixeira | Público | 2 de Novembro de 2022**

Há mês e meio que o Irão está mergulhado em protestos populares e repressão violenta. Tudo começou com a detenção de uma jovem iraniana-curda de 22 anos, de visita a Teerão – Mahasa Amini –, que foi detida pela polícia da moralidade pelo simples facto de não usar o véu estritamente de acordo com as regras da República Islâmica. Isto é, usava o véu, mas não tapava totalmente o cabelo.

Foi presa, espancada e três dias depois morreu no hospital. Segundo as autoridades, de ataque cardíaco. Ninguém acreditou. E os protestos invadiram a rua. Cresceram dia a dia, cidade a cidade, atravessaram diferentes etnias e credos religiosos, paralisaram universidades, fecharam bazares e provocaram greves na indústria petroquímica. Depois, juntaram-se as celebridades do espetáculo e do desporto. E a opinião pública internacional. Tudo, em solidariedade com os manifestantes.

O regime reagiu como reagem os regimes autoritários. Primeiro, negou a responsabilidade do assassinato, depois culpou os “inimigos externos” de estarem por trás dos protestos e querer desestabilizar o país. Finalmente, como os protestos não parassem, abateu-se a repressão. Os protestos foram violentamente esmagados, por todos os meios, incluindo fogo real. Organizações não governamentais estimam que até agora haja mais de 12.000 presos e cerca de 200 mortos, incluindo 19 crianças.

À repressão juntou-se a vigilância. Electrónica, como convém às autocracias digitais: confisco de telemóveis, corte da Internet, controlo da Intranet. Claro que à frente do protesto estiveram sempre as mulheres – que tiraram o véu, exibiram os cabelos e os cortaram em público, como gesto simbólico. Mas porque protestam estas mulheres e que significado tem esse gesto?

Ao contrário dos protestos anteriores que lutavam por interesses materiais – o preço dos transportes, a qualidade da água, a subida dos combustíveis –, estas mulheres lutam por princípios e valores. E, em primeiro lugar, pelos seus direitos. É por isso que são as mulheres as protagonistas e o véu está no centro de todos os protestos.

O véu tem uma história longa e complexa no Irão moderno. Foi banido por decreto, em 1936, no reinado modernizador de Reza Shah Palevi e, embora o banimento tenha sido levantado pelo filho, Mohamed Reza Shah, nos anos 60, ficou sempre como símbolo da uma ocidentalização forçada e de uma monarquia repressiva.

Depois da revolução islâmica de 1979, a autocracia teocrática dos *ayatollas* impôs, em 1983, e igualmente por decreto o uso obrigatório do véu como símbolo do fim da dominação ocidental e da vitória da lei islâmica. Mas seja, a proibição ou o uso

obrigatório, a instrumentalização do véu significa sempre uma forma de controlo do corpo feminino e a subordinação das mulheres a uma agenda política. E o extremo a que foi levada tal política, como o demonstra o caso de Mahasa Amini, fez com que as mulheres se fartssem definitivamente que uns quantos homens, velhos, feios, barbudos e de turbante ditassem como se devem vestir, sair, viajar e até trabalhar – isto é, que controlassem o seu corpo e decidissem da sua vida. E têm toda a razão. Mas o zelo extremo da polícia da moralidade vai mais longe e impõe a separação de género no espaço público. Não afecta só as mulheres. Afecta todos: a liberdade de homens e mulheres.

E é também por isso que o protesto atingiu uma escala transversal e uma dimensão nacional só comparável aos protestos que precederam a revolução de 1979. Poderão estes protestos transformar-se em revolução e acabar numa mudança de regime? É certo que os manifestantes já não gritam “morte a Israel”, mas antes “morte ao ditador”. E que a força e a dimensão dos protestos atingiram o limiar da revolta. Mas, aparentemente, para a revolução faltam ainda dois elementos: a organização e a liderança. Ao contrário de 1979, em que a instituição religiosa oferecia um quadro organizativo e Khomeini aparecia como líder carismático, hoje, o protesto permanece largamente inorgânico, mobilizado via digital e não emergiu ainda um líder do movimento. Que o regime dos *mullahs* está em crise não parece haver dúvida, mas não se vê ainda uma alternativa democrática credível que o possa substituir. Carismáticas, por ora, só as mulheres. E é por isso que, hoje, é preciso dizer: somos todos mulheres.

<https://www.publico.pt/2022/11/02/opiniao/opiniao/mulheres-2026123>